

10º FÓRUM DE EXTENSÃO E CULTURA DA UEM

O USO DE UM BRINQUEDO ARTESANAL NA CONSCIENTIZAÇÃO AO PRECONCEITO COM PESSOAS VIVENDO COM HIV/AIDS

Cleverson José Bezerra Guedes¹
Aurea Regina Telles Pupulin²
Paula Marçal Natali³
Giuliano Gomes de Assis Pimentel⁴
Marcelle Rocha dos Santos⁵

A AIDS já foi considerada uma doença mortal, mas com o surgimento dos anti-retrovirais, a mesma começou a ser considerada uma doença crônica e não mais uma sentença de morte. Porém, mesmo com a introdução da terapia medicamentosa acessível a todos pacientes portadores da doença, os problemas não foram todos solucionados. Os aspectos sociais do paciente com HIV/AIDS estão fortemente vinculados às respostas sociais ao HIV, onde se tem a noção de AIDS como uma “doença do outro” e acabou-se promovendo socialmente a eleição de culpados e com isso os mesmos foram sendo estigmatizados e colocados numa situação de isolamento social, em espaços de exclusão. Dentro desse contexto, a construção de um brinquedo que possa abordar esse tema, vai ser uma ferramenta que poderá ajudar a combater esse problema de preconceito junto à crianças. O objetivo desse trabalho é a construção e aplicação de um brinquedo artesanal voltado para crianças e assim avaliar o seu grau de eficácia na conscientização a respeito da doença e dos indivíduos portadores da mesma. O brinquedo consiste de um jogo de perguntas e respostas, dispostas num tabuleiro através de desenhos, sendo que no desenho que contém a resposta correta, há um ímã escondido por baixo, que grudará no ímã que será entregue à criança no início do jogo. A cada resposta correta, a criança receberá uma figura contendo um desenho de uma pessoa cuidando de sua saúde. Ao término, o educador reunirá todos os desenhos e questionará à criança o que ela vê em cada figura e pedirá para que ela relacione a mesma com o HIV/AIDS. O intuito é mostrar à criança que seguindo algumas recomendações e hábitos de vida, é possível conviver com a doença. Aplicado em uma tarde de recreação com crianças de nove a onze anos, houve uma boa aceitação por parte das mesmas, podendo-se concluir que é uma boa ferramenta para se trabalhar prevenção e preconceito da doença.

Palavras chave: AIDS. Preconceito. Brinquedo.

Área temática: Direitos Humanos e justiça

¹ Graduando em Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade Estadual de Maringá

² Doutorado em Ciências Biológicas (Biologia Celular), Departamento de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Estadual de Maringá

³ Mestrado em Educação, Departamento de Educação Física, Universidade Estadual de Maringá

⁴ Doutorado em Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade Estadual de Maringá

⁵ Graduanda em medicina, Departamento de Medicina, Univesidade Estadual de Maringá

Coordenador do projeto: Professora Dra. Aurea Regina Telles Pupulin, E-mail: artpupulin@uem.br, Departamento de Ciências Básicas da Saúde da UEM.

Introdução

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS, do inglês) é uma doença que é originada pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). Esse vírus ataca diretamente as células de defesa do organismo, mais precisamente os linfócitos T-CD4 e em decorrência da diminuição dessas células no organismo, os indivíduos infectados acabam tendo seu sistema imunológico deficiente e incapaz de defender-se adequadamente do ataque de micro-organismos invasores, ficando vulneráveis as chamadas doenças oportunistas. As formas de transmissão e contágio mais conhecidas são a transfusão de sangue e hemoderivados, contato com material perfuro-cortante contaminado, relações sexuais e transmissão vertical (da mãe para o filho por meio do parto ou amamentação) (BRASIL, apud CAMARGO e CAPITÃO 2009).

Desde os primeiros casos notificados oficialmente em junho de 1981, segundo Gir et al apud Camargo e Capitão (2009), a doença era considerada mortal, porém a ciência foi à luta no combate contra a doença e foi a partir de 1996 que foi proposta a associação ou combinação de drogas anti-retrovirais, o chamado “coquetel”, um importante fator para uma mudança qualitativa na epidemia da AIDS. Foi essa terapia medicamentosa que proporcionou condições para que ela passasse a ser considerada uma doença crônica e não mais uma sentença de morte. A partir de então, com a distribuição gratuita dos medicamentos ARV’s para todos os indivíduos que necessitam do tratamento houve um aumento na sobrevivência e uma melhora na qualidade de vida das pessoas vivendo com o HIV (Gir et al., 2005 apud CAMARGO e CAPITÃO, 2009).

Mesmo com a introdução da terapia medicamentosa acessível a todos pacientes portadores da doença, os problemas não foram todos solucionados. Os aspectos sociais do paciente com HIV/AIDS estão fortemente vinculados às respostas sociais ao HIV e à maneira como elas foram sendo construídas na sociedade. A noção de AIDS como uma “doença do outro” acabou promovendo socialmente a eleição de culpados, que em função da ameaça que representavam para a maioria inocente foram sendo estigmatizados e colocados numa situação de isolamento social, em espaços de exclusão (CARNEIRO; DANIEL e PARKER apud CAMARGO e CAPITÃO, 2009).

Segundo Mann apud Faria et al (2006), existe três fases para a epidemia de AIDS em qualquer comunidade. A primeira fase é a epidemia da infecção por HIV; a segunda é a epidemia de AIDS propriamente dita; e a terceira fase é a epidemia das respostas sociais, culturais, econômicas e políticas à AIDS, que são reações que se caracterizam por altos níveis de estigma, discriminação e negação, que, por sua vez, são fenômenos tão ou mais devastadores do que a própria doença. A relação AIDS - discriminação se dá por diversos fatores, entre os quais destacamos o fato que, desde o seu surgimento, a AIDS esteve associada a comportamentos que já eram discriminados socialmente, como por exemplo, sexo entre homens ou o uso de drogas injetáveis. Adicionalmente, temos também as crenças religiosas e morais que levam as pessoas a acreditarem que o HIV/AIDS é o resultado de faltas morais que merecem ser punidas severamente.

As consequências da estigmatização são várias. Dentre elas podemos citar o afastamento das pessoas com HIV/AIDS do convívio social, levando-as à ‘morte social’, isso porque a pessoa não se sente parte da sociedade devido à falta de

acesso aos serviços de apoio (Daniel & Parker, apud Faria et al (2006)). Em muitos casos, o estigma atinge à família e aos amigos da pessoa, ocasionando o que pode se denominar de 'vírus ideológico', que é tão ou mais poderoso que o 'vírus biológico'.

Dentro desse contexto, a respeito da discriminação contra os pacientes HIV, a construção de um brinquedo que aborde esse tema, vai ser uma ferramenta que pode ajudar a combater esse problema junto às crianças. Jogar/brincar, na concepção de Neto apud Cordeiro (2006) é uma das formas mais comuns de comportamento durante a infância, tornando-se uma área de grande atração e interesse para os investigadores no domínio do desenvolvimento humano, educação, saúde e intervenção social. Assim, a criança ao entrar em contato com esse tema, poderá adquirir novos conhecimentos e crescer tendo uma visão diferente a respeito do HIV/AIDS.

Na perspectiva da psicologia sócio-histórica de Vygotsky apud Cordeiro (2006), o jogo aparece como facilitador do desenvolvimento, imaginação e criatividade. Brincando, a criança aprende através de seus processos interativos, recriando a realidade. Imagina situações diversas, representa papéis do cotidiano, as regras e seus conteúdos.

Metodologia

Será utilizada uma pesquisa qualitativa, que conforme aponta Minayo (1994), a pesquisa qualitativa preocupa-se com uma realidade que não pode ser quantificada, respondendo à questões muito particulares, trabalhando com um universo de significados, crenças e valores e que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos que podem não ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Após leitura da bibliografia relacionada ao HIV e sua repercussão no meio social, bem como a aplicação de brinquedos artesanais como ferramenta pedagógica na conscientização de crianças a respeito de temas diversos, foi construído o brinquedo propriamente dito.

Para a sua confecção foi utilizado um tabuleiro de madeira 58cmx40cm encapado com papel cartão, papel laminado e papel seda e sobre ele estão dispostas nove etapas (organizadas em forma de uma trilha) que devem ser percorridas pelas crianças (sendo possível jogar-se com no máximo duas crianças). Cada etapa corresponde a uma pergunta ao tema HIV/AIDS, com as figuras das respostas coladas no tabuleiro; sendo que as respostas verdadeiras possuem um imã colado atrás.

A criança ao iniciar o jogo receberá um pequeno imã e será questionada sobre cada pergunta, sendo que cada uma apresenta mais de uma opção de resposta, e uma delas é a correta. Caso a criança fixe o imã na resposta correta, ela ganha essa etapa e percorre para a etapa seguinte, caso contrário passará a vez para o colega e se essa acertar a resposta continuará a percorrer a etapa.

Em cada resposta, o educador questionará à criança o porquê ela escolheu aquela resposta e após isso argumentará com ela a respeito da questão. Além disso, ao acertar a questão, a criança receberá uma figura, que contém um desenho referente a uma pessoa cuidando de sua saúde; ganhará o jogo, a criança que obter mais figuras no final do mesmo. Ao terminar de brincar, o educador reunirá todos os desenhos e questionará à criança o que ela vê em cada figura e pedirá para que ela

relacione a mesma com o HIV/AIDS. O intuito é mostrar à criança sobre as formas de contágio da doença, e que seguindo algumas recomendações e hábitos de vida, é possível hoje ter uma vida normal portando a doença e que portanto, os indivíduos portadores da mesma devem receber o devido respeito.

Discussão de resultados

As intervenções com o brinquedo aconteceram na Escola Municipal Ayres Aniceto de Andrade, localizada no bairro Jardim Esperança na cidade de Sarandi no estado do Paraná, juntamente com outros acadêmicos do terceiro ano de educação física e com as coordenadoras do Projeto Brincadeiras da UEM, que ocorre todos os sábados nesse local. As crianças presentes no evento nos receberam muito bem, sendo que participaram da intervenção com o brinquedo três crianças na faixa etária de nove a onze anos.

O brinquedo foi colocado em um canto do pátio da escola e duas colegas auxiliaram nas anotações das intervenções, sendo que foi surpreendente a recepção das crianças com o brinquedo, pois pelo fato de ele não ser esteticamente muito atraente, não despertaria atenção das crianças e pelo contrário, elas se mostraram muito receptivas e quiseram brincar com o mesmo. Um dos diferenciais do brinquedo pode ter sido o uso do ímã, que fez com que as crianças despertassem um maior interesse por ele.

Na literatura, a escola vem com papel fundamental para se trabalhar o tema HIV/AIDS e ela é um espaço de extrema importância no combate da mesma, pois, afinal, afirma Loureiro e Loureiro (2005), trata-se de um local no qual os alunos passam uma boa parte de seu tempo e, em geral, eles sentem prazer em estar na escola, seja pela relação de amizade com professores e colegas, seja pelos conteúdos que esperam e acreditam receber. O professor como mediador e transmissor de conteúdos pode fornecer informações básicas sobre como anda a epidemia da AIDS no mundo, no Brasil e na região em que vive, e também sobre os métodos de prevenção e os meios de contaminação dessa doença.

Porém alguns problemas são encontrados para trabalhar esse assunto e Loureiro e Loureiro (2005) acreditam que são poucos os professores que vêm trabalhando em sala a sexualidade, ficando o tema em segundo plano, quando não é deixado de lado completamente. Aí entra o papel do professor de Educação Física, pois o fato de ter estudado em sua graduação conteúdos da área de saúde, dá maiores condições para esse profissional orientar seus alunos a respeito do HIV/AIDS, utilizando-se de uma abordagem mais científica, ao contrário do que poderia acontecer se ele recorresse ao senso comum ou a dogmas e crenças religiosas, que mais confundem e desinteressam seus alunos do que informam, ajudando na prevenção, conhecimento da doença e conseqüentemente respeito aos portadores da mesma.

Conclusão

Um dos aspectos importantes que foram observados é que esse brinquedo deve ser aplicado para crianças no mínimo com onze anos, pois ele trata de assuntos que são mais explorados no início da adolescência na escola como sexo, doenças infecciosas, entre outros. Vale destacar também que pelas observações, pode-se

verificar que as crianças aparentemente entenderam como devem se portar na sociedade diante de pessoas que convivem com HIV, e que esses devem se tratados igualmente como qualquer outra pessoa.

Embasado na literatura, conclui-se que esse brinquedo pode ter bons resultados junto às crianças, sendo esses mais efetivos a partir dos onze anos, porém foi visto através de outras pesquisas realizadas, que crianças abaixo dessa idade podem aprender com o brinquedo, desde que a intervenção seja realizada por etapas, com a utilização de palestras explanatórias relacionadas ao assunto.

Referências

CAMARGO, L. A.; CAPITÃO, C. G. Uma abordagem histórica e conceitual da AIDS: novas perspectivas, velhos desafios. **Psicopedagogia Online**, São Paulo, v.1, p. 1-6, 2009.

CORDEIRO, I.D. Espaço educativo Brinquedoteca Hortênsia de Hollanda: O lúdico na mediação do tratamento da AIDS pediátrica. **Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em ciências da saúde da Universidade Federal de Minas Gerais**. Faculdade de Medicina – UFMG, Belo Horizonte, MG, 2006.

FARIA, M.R.G.V. de; TORRES, A.R.R; MARTIGNONI, T.V.L.; BITTAR, M. Influência dos ideais democráticos na discriminação contra portadores do HIV. **Revista de Psicologia da UnC**, Concórdia, v. 1, p. 3-11, 2006.

LOUREIRO, W. E LOUREIRO, K.S.F, A AIDS/HIV na escola, as possíveis contribuições da educação física perante esse novo desafio. **IX Encontro Fluminense de educação física escolar**, Niterói, RJ, Jul. 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.